

growing in darkness

crescer na escuridão  
grandir dans les ténèbres

Mário Macilau

to/para/pour : Luisa Vilanculo

## REFLECTING A REALITY

---

**Roger Ballen**

The world consists of both darkness and light, but it also consists of cracks. Sometimes there is light revealed by these cracks, other times this light is swallowed by a deep darkness. In the many years of photographing using black and white imagery, my work has in a sense operated within this lightness and darkness where the cracks become those uneasy moments when the viewer equally participates as part of the image. Over the years I have come to learn that this is an intrinsic part of taking photographs amongst other aspects that become inevitable.

Photography has always had a fascinating relationship with life where it complicates, illuminates or even conceals things. It is the role of the photographer to display a level of sensitivity and consistency towards both his/her medium and subject matter that will determine what is made visible by these cracks and thereby revealed to a collective psyche. Mário Macilau's photography is a powerful documentation of a complex history implicit to the challenging circumstances of homeless children living in the city of Maputo, Mozambique. It makes a significant contribution not only to African photography but also to the tradition of black and white photography.

Growing in darkness thus forms part of a necessary lexicon that navigates between the veracity of lightness and darkness. It denotes a precarious human condition by reflecting a reality that is often overlooked, shunned and even suppressed. Yet it also illustrates the agility of the human spirit and its tenacity to survive, exist and imagine.

## O REFLEXO DE UMA REALIDADE

---

**Roger Ballen**

O mundo é composto por escuridão e luminosidade, mas também por brechas. Vezes há em que a luz se manifesta por estas brechas. Outras há em que esta mesma luz é engolida por uma escuridão profunda. Em todos estes anos dedicados a fotografar utilizando o simbolismo da imagem a preto-e-branco, o meu trabalho tem, de certa forma, explorado esta luminosidade e escuridão, onde as brechas se tornam naqueles momentos desconfortáveis em que o visualizador faz igualmente parte da imagem. Ao longo dos anos, aprendi que este é um aspeto indissociável do ato de tirar fotografias, entre outros aspetos que se tornam inevitáveis.

A fotografia manteve sempre uma relação fascinante com a vida, na medida em que complica, ilumina ou chega mesmo a ocultar coisas. É função do fotógrafo mostrar um nível de sensibilidade e consistência relativamente ao seu meio e ao seu objeto, e que determinará o que se pode ver através destas brechas, desvendando, assim, uma consciência coletiva. As fotografias de Mário Macilau são uma documentação poderosa de uma história complexa implícita às condições adversas das crianças sem abrigo da cidade de Maputo, em Moçambique. São um contributo essencial não só para a fotografia africana, mas também para a tradição da fotografia a preto-e-branco.

*Crescer na escuridão* enquadra-se, assim, num léxico necessário que navega entre a autenticidade da luminosidade e a da escuridão. Denota uma condição humana precária e reflete uma realidade que é, muitas vezes, negligenciada, evitada e até omitida. Ilustra, igualmente, a agilidade do espírito humano e a determinação deste em sobreviver, existir e imaginar.

## REFLÉTER UNE RÉALITÉ

---

**Roger Ballen**

Le monde consiste en obscurité et lumière, mais aussi en fissures. Parfois la lumière se révèle à travers ces fissures; parfois, elle est engloutie par une obscurité profonde. Au cours de mes nombreuses années de photographie en noir et blanc, j'ai travaillé entre cette lumière et cette obscurité, de sorte que les fissures deviennent ces moments de malaise où le spectateur participe à l'image. Au fil des années j'ai appris qu'il s'agit là d'un aspect intrinsèque de la photographie, parmi bien d'autres de ceux qui deviennent inévitables.

La photographie a toujours eu un rapport fascinant à la vie, en ce sens qu'elle complique les choses, les illumine, ou parfois même, les cache. C'est le rôle du photographe que de démontrer un niveau de sensibilité et de cohérence à l'égard de son médium ainsi que de son sujet, car c'est cette attitude qui déterminera ce qui sera rendu visible par les fissures et donc ce qui sera révélé à la psyché collective. L'œuvre photographique de Mário Macilau est une documentation puissante d'une histoire complexe – une histoire qui se trouve implicite dans les circonstances difficiles auxquelles font face les enfants sans abri de la ville de Maputo, au Mozambique. Elle apporte une contribution importante non seulement à la photographie africaine mais aussi à la tradition de la photographie en noir et blanc.

*Growing in Darkness* (Grandir dans les Ténèbres) s'inscrit ainsi dans un lexique nécessaire, qui navigue entre la véracité de la lumière et de l'obscurité. La série dénote une condition humaine précaire en reflétant une réalité qui est souvent oubliée, méprisée, même supprimée. Mais elle illustre aussi l'agilité de l'esprit humain et la ténacité qui le pousse à survivre, à exister, et à imaginer.

### **A Bed**

Series: Growing in Darkness

(Crescer na escuridão)

Year: 2012/2015 (long-term project)

A makeshift bed sits in an abandoned building at the corner of 25 de setembro Av. and Samora Machel Av. in downtown Maputo. Many of the city's abandoned buildings are home to children who are orphaned or inadequately cared for by their families.

### **Uma cama**

Série: Growing in Darkness

(Crescer na escuridão)

Ano: 2012/2015 (projeto a longo prazo)

Cama improvisada num edifício abandonado na esquina da Av. 25 de setembro com a Av. Samora Machel no centro de Maputo. Muitos dos edifícios abandonados da cidade são a casa de crianças órfãs ou negligenciadas pelas respectivas famílias.

### **Un lit**

Série : *Growing in Darkness*

(*Crescer na escuridão*)

Année : 2012/2015 (*long term project*)

*Un lit de fortune est posé dans un bâtiment abandonné à l'angle de l'avenue 25 de Setembro et de l'avenue de Samora Machel, dans le centre-ville de Maputo. Beaucoup des bâtiments abandonnés de la ville sont devenus les lieux de résidence d'enfants orphelins ou délaissés par leur famille.*



## WHERE A CHILDHOOD DREAMS

---

**Mia Couto**

Some years ago, a theatre group decided to perform a play about street children. They asked me to write it, so I visited refuges for these kids and explored the streets and squares where they clustered together. I spoke to dozens of children who begged, stole, played and sought a place in the hearts of a hurried world. I wanted to find out what they most longed for. I imagined that deep down they would harbor a long list of dreams and wishes, but, interestingly, there was a theme that was repeated, recurrent: The boys wanted to have an identity card. An identity card was a dream writ large, the route to a wider world of work and civil status. The reason seemed simple enough to understand: their own personal identity was all that was left to them after having been denied a childhood. To lose it was the children's greatest fear. Each of them wanted to leave this common ground of exclusion, this stereotyped portrait that society paints of these creatures who, even as outsiders, still play and dream.

The journey that the photographer Mário Macilau takes is one that delves into this world that many speak of but few are familiar with. Even in passionate campaigns of solidarity, these children are the "other". There is compassion for their plight, but no one crosses over into their inner world. Macilau's images help to reveal this world of singular identities, in which each child is a unique and singular creature, a creator of their own story, and of our own as well.

## ONDE A INFÂNCIA SONHA

---

### Mia Couto

Há uns anos atrás, um Grupo de Teatro decidiu fazer uma peça sobre crianças da rua. Pediram-me que fizesse a dramaturgia. Visitei, então, centros que davam alojamento a esses meninos, calcorreei ruas e praças onde eles se aglomeravam. Falei com dezenas de crianças que pediam, roubavam, brincavam e pediam um lugar de afecto a um mundo apressado. A minha intenção era saber qual era o seu sonho mais querido. Pensei que houvesse uma diversidade enorme de desejos e utopias que dormiam dentro daquelas crianças. Curiosamente, havia um tema que se repetia, recorrente: os meninos queriam ter um bilhete de identidade. Era num Bilhete de Identidade, que a caligrafia do sonho se espraiava, entre profissões e estados civis. Parecia simples entender a razão dessa preferência: uma identidade pessoal própria era o que lhes restava depois de lhes ter sido negado o exercício da infância. Esse era o receio desses meninos. Cada um deles queria emergir desse lugar-comum da exclusão, desse retrato estereotipado que a sociedade faz dessas criaturas que, mesmo excluídas, não abdicaram de brincar e sonhar.

A viagem que o fotógrafo Mário Macilau faz é uma travessia pelo lado de dentro desse universo de que muito se fala mas pouco se conhece. Mesmo para as apaixonadas campanhas de solidariedade, esses meninos são os “outros”. Deles se tem compaixão, mas não superamos a fronteira do seu universo interior. As imagens de Macilau ajudam a revelar esse universo de identidades singulares, sendo cada menino uma criatura única e singular, um construtor da sua e da nossa história.

## OÙ L'ENFANCE RÊVE

---

### Mia Couto

Il y a quelques années, une compagnie théâtrale décida de monter une pièce sur les enfants des rues. Elle me demanda de l'écrire. Je visitai alors des centres d'hébergement pour ces enfants, arpentai les rues et les places où ils se rassemblaient. Je parlai avec des dizaines d'enfants qui mendiaient, volaient, jouaient et demandaient une place dans le cœur d'un monde pressé. Mon intention était de savoir quel était leur rêve le plus cher. Je pensais qu'il y aurait une grande diversité de désirs et de vœux qui dormaient dans ces enfants. Curieusement, il y avait un thème qui se répétait, récurrent: les enfants voulaient avoir une carte d'identité. C'était sur une carte d'identité que s'écrivait leur rêve, entre profession et état civil. Il semblait simple de comprendre la raison de ce choix: une identité propre était ce qu'il leur restait après avoir été niée dans leur statut d'enfant. C'était leur crainte. Chacun d'eux voulait émerger de cet anonymat de l'exclusion, de ce portrait stéréotypé que la société fait de ces créatures qui, même exclues, ne renoncent ni à jouer ni à rêver.

Le voyage que le photographe Mário Macilau fait, est l'un de ceux qui fouillent dans ce monde dont beaucoup parlent mais que peu connaissent. Même pour les campagnes passionnées de solidarité, ces enfants sont les « autres ». Il y a de la compassion pour eux mais personne ne franchit la frontière de leur monde intime. Les images de Macilau aident à révéler cet univers d'identités particulières où chaque enfant est une créature unique et singulière, bâtisseur de sa propre histoire et de la nôtre aussi.



### **Handcuffed**

Series: Growing in Darkness

Year: 2012/2015 (long-term project)

Two young boys are handcuffed by local police after being found with a plastic bag full of marijuana. When street children are arrested, they often stay in jail for long periods of time, sometimes to the point of being forgotten, as there is no one to defend their rights. Their only way out is if other street children find a way to pay the police a bribe.

### **Algemados**

Série: Growing in Darkness (Crescer na escuridão)

Ano: 2012/2015 (projeto a longo prazo)

Crianças de rua costumam ficar na prisão durante longos períodos de tempo, chegando mesmo a serem esquecidos, já que não existe ninguém nomeado para defender os seus direitos. A única forma que têm de sair dali é se outras crianças de rua encontrarem forma de pagar um suborno à polícia.

### **Les menottes**

Séries : Growing in Darkness

Année : 2012/2015 (projet à long terme)

*Deux jeunes garçons sont menottés par la police locale après avoir été trouvés avec un sac plastique rempli de cannabis. Quand les enfants des rues sont arrêtés, ils restent souvent en prison pendant de très longues périodes, parfois jusqu'à y être oubliés, puisque personne ne défend leurs droits. Le seul moyen d'en sortir est que d'autres enfants des rues payent la police en pots-de-vin.*



## THE GRACE OF SURVIVING

---

**Simon Njami**

My chosen title could be perceived as an oxymoron, but it simultaneously summarizes the spirit of the works produced by Mário Macilau on the street children of Maputo. These portraits illustrate their daily lives, and the personas they don when posing or performing with a football. The ball refers to the game and the game to playing. Playing and childhood possess an obvious connection. And that ball is emblematic in many ways: telling a story that is not necessarily visible, in a style that doesn't seek to underline the portraits' backdrop.

For me, the ball epitomizes Mozambique and its street kids, particularly in light of Orlando Mesquitas' short film *The Ball* (2008)<sup>1</sup>, which depicts how children create handmade balls to play soccer. And in this ball I see much more than just poverty. Of course, this object made out of strings and condoms does not represent a land of dreams or paradise. The ball is precisely anchored in a dream in which a child can become immersed: a dream of normality, a dream of having a home, a family, and security.

It is out of respect for this dream, as well as to honor their privacy and uniqueness, that Mário Macilau chose not to photograph them as a group but predominantly individually. We no longer see street kids, but children. And the use of black and white forces us to concentrate on the body and face rather than the surroundings, rendering the artwork human. Macilau does not attempt to create a fairy tale. The situations are real – the two handcuffed kids awaken us to the uncertainty of their immediate future. But at the end of the day, whether they are depicted being arrested for petty crimes or smoking like adults, a fragility emerges from all the frames and reveals a simple fact: these are children who, despite their daily struggles found a way to survive and invented their own reality.

---

(1) *The Ball*. YouTube video, 4:41, Orlando Mesquita (Dir.) released 9 February 2003 (USA), posted by "Pangea Day" May 2, 2008, <https://youtu.be/ErYcScPcaHg>.

The Ball was part of Steps to the Future, a series of 30 films dealing with the AIDS crisis in the southern region of Africa. It won the special Cannes Jury prize in 2002.

## A GRAÇA DA SOBREVIVÊNCIA

---

**Simon Njami**

O título que escolhi pode ser entendido como um oxímoro, mas resume, em simultâneo, o espírito do trabalho produzido por Mário Macilau sobre as crianças de rua de Maputo. Estes retratos ilustram o dia a dia destas crianças, a sua identidade enquanto fazem poses ou jogam à bola. A bola faz referência a um jogo e o jogo, a brincar. Existe uma ligação óbvia entre brincar e infância. E esta bola é emblemática por variadas razões: conta uma história que não é necessariamente visível, num estilo que não procura evidenciar o contexto dos retratos. A meu ver, a bola simboliza Moçambique e as suas crianças de rua, especialmente quando se assiste ao *The Ball (2008)*<sup>1</sup> a curta-metragem de Orlando Mesquitas que descreve a forma como as crianças fazem as bolas à mão para jogarem futebol. E o que vejo através desta bola é tudo menos pobreza. É claro que este objeto feito de cordas e preservativos não representa uma terra de sonhos nem um paraíso. A bola está exatamente ancorada num sonho em que uma criança pode mergulhar: um sonho de “normalidade”, um sonho de ter uma casa, uma família e segurança... É certamente por esta razão que Mário Macilau optou por não fotografar as crianças como um grupo, mas, na maioria das vezes, individualmente, respeitando a sua privacidade e singularidade. Deixamos de ver crianças de rua e passamos a ver crianças. E a utilização do preto-e-branco obriga-nos a concentrar no corpo e no rosto, e não no ambiente circundante, o que humaniza a obra. Macilau não tenta criar um conto de fadas. As situações são reais: as duas crianças algemadas estão ali para nos lembrar da incerteza quanto àquilo que será o futuro. Mas, no final, sejam detidos por pequenos delitos ou fumem como adultos, em todas as fotos está sempre presente uma fragilidade reveladora de um facto simples: estas crianças, apesar da condição de grande dificuldade em que vivem, encontraram uma forma de sobreviver e inventar a própria realidade.

---

(1) *The Ball*. Vídeo do YouTube, 4:41, Orlando Mesquita (Dir.) lançado a 9 de fevereiro de 2003 (USA), publicado por “Pangea Day”, a 2 de maio de 2008, <https://youtu.be/ErYcScPcaHg>.

The Ball faz parte de Steps to the Future, uma série de 30 filmes cujo tema é a crise da sida na região sul de África. Em 2002, ganhou o prémio especial do júri de Cannes.

## LA GRÂCE DE LA SURVIE

---

**Simon Njami**

Mon choix de titre ici pourrait être perçu comme un oxymore, mais il résume simultanément l’esprit des œuvres de Mário Macilau sur les enfants des rues de Maputo. Ces portraits nous montrent leur quotidien et les personnages qui prennent la pose ou jouent avec un ballon de football. Le ballon fait immédiatement référence au jeu et le jeu à l’action de jouer. L’action de jouer et l’enfance sont liées par une connexion évidente. Et ce ballon est emblématique de bien des façons : il raconte une histoire qui n’est pas forcément visible, d’une manière qui ne cherche pas à souligner le fond du portrait.

Pour moi, le ballon est un parfait symbole du Mozambique et de ses enfants des rues. Particulièrement lorsque l’on voit le court métrage d’Orlando Mesquitas *The Ball (2008)*<sup>1</sup>, où l’on observe des enfants fabriquer à la main des ballons pour jouer au football. Je vois bien plus dans ce ballon que la pauvreté. Il est évident que cet objet fait de ficelles et de préservatifs ne représente pas une terre de rêves ou un paradis. Le ballon est précisément ancré dans un imaginaire où l’enfant parvient à s’immerger : le rêve de la normalité, le rêve d’avoir une maison, une famille et la sécurité.

C’est sûrement pour cela que Mário Macilau choisit de ne pas les photographier en groupe mais le plus souvent en tant qu’individus, pour respecter leur intimité et leur unicité. Ainsi ce ne sont plus des enfants des rues que nous regardons mais simplement des enfants. L’usage du noir et blanc nous amène à porter notre attention sur le corps et le visage plutôt que sur ce qui les entoure, donnant un caractère humain à l’œuvre. Macilau n’essaye pas de créer un conte de fées. Ces situations sont réelles – les deux enfants menottés éveillent en nous l’incertitude de leur futur immédiat. Mais en fin de compte, qu’ils soient arrêtés pour des crimes insignifiants ou pour avoir fumé comme des adultes, une fragilité émerge de toutes ces images qui révèlent un fait simple : malgré leurs luttes quotidiennes, ces enfants trouvent le moyen de survivre et d’inventer leur propre réalité.

---

(1) *The Ball*, vidéo YouTube, 4:41, Orlando Mesquita (réalisateur). Sorti le 9 février 2003 (États-Unis), postée par “Pangea Day” le 2 mai 2008, <https://youtu.be/ErYcScPcaHg>

“The Ball” faisait partie de “Steps for the Future”, une série de 30 films qui portaient sur la crise du sida dans la région Sud de l’Afrique. Le film remporte la mention spéciale du jury à Cannes en 2002.

**Rag ball**

Series: Growing in Darkness

Year: 2012/2015 (long-term project)

A handmade soccer ball made from recycled clothes, pieces of plastic and string.

**Bola de trapos**

Série: Growing in Darkness (Crescer na escuridão)

Ano: 2012/2015 (projeto a longo prazo)

Uma bola de futebol feita à mão a partir de roupa, peças de plástico e corda

**Ballon de football**

Série : *Growing in Darkness (Crescer na escuridão)*

Année : *2012/2015 (projet à long terme)*

*Un ballon de football fait à la main à partir de vêtements recyclés, bouts de plastique et ficelle.*



growing in darkness

crescer na escuridão  
grandir dans les ténèbres

## GROWING IN DARKNESS

---

### **Mário Macilau**

There is a group of children that I often hang out with when I go into town. I've known them for a long time. They used to look after my car, and I'd chat with them. Maputo is a small city. Several times I thought I'd do a project with them, but I felt like I lacked the right reasons, the correct impetus, other than wanting to simply spend more time with them and learn of their reality.

One day they saw me on a local magazine cover and they contacted me. They had known I was a photographer, and had previously asked me to take images of them, but I always refused for the above-mentioned reason. This time however, they asked me whether maybe I didn't want to photograph them because of what they were, street children, different from other "normal" children, and that they didn't deserve to be in a magazine or in an exhibition. I felt bad for them, and I decided that I needed to face their questions. So, we made an appointment and on a Sunday in 2012 we walked around the city, to the abandoned building that they call home and where they only take people that they trust.

Everything about the place surprised me. How one can build a home with very simple objects that become so much a part of us. How children who grow up on the street have dreams just as other children do, and a need to play and make toys for themselves and study, to give and receive love and attention, to dream of one day having a house and a family. You see, I was a street child myself for a long time. That's one of the reasons why I didn't want to do a project on these kids. I worried that it might seem forced, because of my past. But I needed to accept the facts: I was avoiding them because of my own experiences, and this gave me what I needed to get started on this project.

Going against the common sense that separates this group of children from "normal" society, I decided to go where everyone advised me not to go. I was determined to reach the sites that seemed to frighten many. I entered into their private spaces; bridges and abandoned buildings where they live and sleep, that is, where they camp. These places were very dark, damp and pernicious.

In these makeshift homes there are no facilities, there is no light, water, or any other form of domestic support. Initially, I visited these youth without my camera. Simple encounters allowed this group of children to trust me, and it also allowed me to trust them.

Instead, I photographed with my mind. I frequented their lodgings without my camera, spending as many moments with them as my time allowed. A mutual trust was built. To this day, after learning each other's values, a sense of safety exists between us. They had encountered someone who did not harass them, someone who respects them, who trusts them. This relationship was not built using a transaction of currency. From the outside, it might seem as if money is what motivates their everyday actions. However, spending time with them reveals their charming sensibilities, humanity, and the immensity of their hearts.

It is from this position of a friend that I managed to capture their existence; the adversity of their environments; the endurance of their young but possibly condemned bodies; their resilience that, daily, defies the brutality of their hardships.

The photographs do not necessarily aim to represent these children from my own point of view. Instead, my work attempts to give them a voice, a stage, to shine a light on their fleeting and fragile lives. These photographs offer the children a space of relief, whereby they can compose and play with their image and reflect on their own appearance. Considering that these children are engaged in child labor, we could say that they contribute to the functioning of our society. I question what our role in this is, how we can solve this situation. Through focusing on the individuality of these children, I believe I have created personal encounters that made us consider their conditions not as their own choice, but as one of the consequences of ongoing social changes and the transformations of our human values through abstracted forms of labor.

## CRESCER NA ESCURIDÃO

---

### Mário Macilau

Quando vou à cidade, costumo estar sempre com o mesmo grupo de crianças. Conheço-os há já muito tempo. Costumavam tomar conta do meu carro, e eu ficava à conversar com eles. Maputo é uma cidade pequena. Passou-me inúmeras vezes pela cabeça fazer um projeto com eles, mas faltava-me sempre os motivos e o ímpeto certo, que não apenas querer passar mais tempo com eles para saber mais sobre a sua realidade.

Um dia, viram-me na capa de uma revista de Maputo, e contactaram-me. Eles sabiam que eu era fotógrafo, e já me tinham perguntado se eu lhes podia tirar fotografias, mas eu recusei sempre, pelas razões que expus acima. Mas desta vez perguntaram-me se o que me levava a não querer fotografá-los era o facto de eles serem meninos de rua, diferentes das crianças ditas "normais", e se, por isso, não mereciam aparecer numa revista ou numa exposição. Senti-me mal por eles e decidi que precisava de enfrentar as perguntas que me fizeram. Foi assim que marcámos um encontro, e num domingo, em 2012, fomos andar pela cidade até chegarmos ao edifício abandonado a que chamam casa e para onde só levam pessoas em quem confiam.

Tudo naquele lugar me surpreendeu. Surpreendeu-me o facto de se conseguir construir uma casa com objetos tão simples que se tornam parte de nós. Surpreendeu-me o facto de as crianças que crescem na rua terem sonhos, tal como todas as outras crianças, precisarem também de brincar, de inventar brincadeiras, de estudar, de dar e receber amor e atenção, e de desejarem ter, um dia, uma casa e uma família. É que eu próprio fui uma criança de rua durante bastante tempo. E esse era um dos motivos que me levava a não querer fazer um trabalho sobre estas crianças. Tive receio de se tornar forçado, por causa do meu passado. Mas eu precisava de aceitar os factos dos quais fugia por causa das minhas próprias experiências, e isto deu-me o que eu precisava para começar este projeto.

Indo contra o senso comum, segundo o qual este grupo de crianças não pertence à sociedade dita normal, o meu objetivo era ir até onde toda a gente me avisava para não ir. Estava determinado a chegar aos sítios que pareciam assustar a maioria das pessoas. Entrei nos seus espaços privados,

em pontes e edifícios abandonados onde viviam e dormiam, isto é, onde acampavam. Estes eram sítios muito escuros, húmidos e perniciosos.

Nestas casas temporárias não há comodidades, luz, água nem nenhuma outra forma de apoio doméstico. Comecei por visitá-los sem a máquina fotográfica. Os encontros simples que tivemos fizeram com que este grupo de crianças ganhasse confiança em mim e eu ganhasse confiança neles.

Fotografava-os mentalmente. Frequentava as suas casas temporárias sem a minha máquina fotográfica, passando a maior parte do tempo que me era possível com eles. Construimos uma relação de confiança mútua. Ainda hoje, e depois de termos apreendido os valores de cada um de nós, continua a existir entre nós um sentimento de segurança. Encontraram alguém que não os assediava, alguém que os respeitava, que confiava neles. Não houve transações monetárias na construção desta relação. De fora, pode parecer que é o dinheiro que motiva tudo o que estas crianças fazem. Contudo, ao passarmos tempo com eles, apercebemo-nos da sua sensibilidade, humanidade e do tamanho enorme dos seus corações. A partir desta posição de amigo, consegui captar a existência destas crianças; a adversidade dos ambientes onde vivem; a resistência dos seus corpos jovens, mas possivelmente condenados; a sua resiliência que, diariamente, desafia a brutalidade das dificuldades por que passam.

As fotografias não visam necessariamente representar estas crianças apenas do meu ponto de vista. O meu trabalho pretende, pelo contrário, dar voz a estas crianças. Dar-lhes um palco, iluminar as suas vidas fugazes e frágeis. Estas fotografias dão às crianças um espaço de alívio, através do qual as crianças podem compô-las, brincar com a sua imagem, e refletir sobre a sua própria aparência. Se considerarmos que estas crianças são vítimas de trabalho infantil, podemos dizer que contribuem para o funcionamento da nossa sociedade. Pergunto-me qual é o nosso papel nesta realidade, como podemos resolver esta situação. Ao focar-me na individualidade destas crianças, acredito que criei encontros pessoais que nos fazem a ver a condição em que estão não como algo que tivessem escolhido por vontade própria, mas como uma das consequências das mudanças sociais em curso e das transformações dos nossos valores humanos, através de formas de trabalho abstratas.

## GRANDIR DANS LES TÉNÈBRES

---

### Mário Macilau

Je passe souvent mon temps avec un groupe d'enfants lorsque je vais en ville. Je les connais depuis longtemps. Ils avaient l'habitude de surveiller ma voiture, puis j'ai fini par discuter avec eux. Maputo est une petite ville. J'ai plusieurs fois eu l'envie de faire un projet avec eux, mais il me manquait alors de bonnes raisons, un élan juste, autre que la seule volonté de passer plus de temps avec eux et d'en apprendre sur leur réalité.

Un jour, ils m'ont vu sur la couverture d'un magazine local, ils m'ont alors contacté. Ils savaient que j'étais photographe et ils m'avaient déjà demandé de les photographier mais j'ai toujours refusé pour les raisons que j'ai mentionnées au-dessus. Cette fois là cependant, ils m'ont interrogé pour savoir si je refusais de les photographier parce qu'ils sont des enfants des rues, différents des enfants "normaux", et qu'ils ne méritent pas par conséquent d'apparaître dans un magazine ou une exposition. Je me suis senti mal pour eux, et j'ai donc décidé qu'il me fallait affronter leurs questions. Nous nous sommes alors donné rendez-vous un dimanche de 2012. Nous nous sommes baladés ensemble à travers la ville, jusqu'au bâtiment abandonné qu'ils considèrent comme leur maison et où ils n'emmènent que des gens dans lesquels ils ont confiance.

Tout dans cet endroit me surprit. Comment peut-on construire son chez soi avec des objets si élémentaires et si familiers? Comment ces enfants qui ont grandi dans la rue peuvent-ils avoir les mêmes rêves que les autres enfants, et aussi l'envie de jouer, de fabriquer des jouets, d'étudier, de donner et recevoir de l'amour et de l'attention, de désirer un jour avoir une maison et une famille? J'étais moi-même un enfant des rues pendant une longue période. C'est l'une des raisons pour laquelle je ne souhaitais pas faire un projet sur ces enfants. Je craignais que cela paraisse en quelque sorte "forcé" à cause de mon passé. Mais je devais accepter les faits, que j'évitais pourtant précisément à cause de mes propres expériences. Cela m'a donné ce dont j'avais besoin pour commencer mon projet.

À contre-courant des idées préconçues qui séparent ce groupe d'enfants de la "société normale", je souhaitais me rendre là où tout le monde me conseillait de ne pas aller. J'étais déterminé à me



rendre sur des lieux qui en effrayent beaucoup. Je suis entré dans leurs espaces privés ; ponts et bâtiments abandonnés où ils vivent et dorment, ou plutôt où ils campent. Ces endroits étaient très sombres, humides et malsains.

Dans ces habitats de fortune, il n'y a pas d'équipements, d'éclairage, d'eau, ou aucune autre forme de confort domestique. J'ai d'abord rendu visite à ces jeunes sans ma caméra. De simples rencontres m'ont permis de gagner leur confiance, tout en me permettant à moi aussi de leur faire confiance.

J'ai donc, dans un premier temps, plutôt photographié avec mon esprit. J'ai fréquenté leurs logements sans ma caméra, passant autant de temps que possible avec eux. Une confiance mutuelle s'est peu à peu établie. Aujourd'hui encore, après avoir appris les valeurs des uns et des autres, un sentiment de sécurité s'est installé entre nous. Ils ont rencontré quelqu'un qui ne les persécute pas, quelqu'un qui les respecte et qui a confiance en eux. Cette relation ne s'est pas construite par l'usage d'un quelconque échange monétaire. D'un point de vue extérieur, on pourrait penser que l'argent est le principal moteur de leurs actes quotidiens. Au contraire, passer du temps avec eux m'a permis de percevoir leurs charmantes sensibilités, humanités, et l'immensité de leurs cœurs.

C'est alors en tant qu'ami que j'ai pu saisir leur existence ; l'adversité de leur environnement ; l'endurance de leurs corps jeunes quoique probablement déjà condamnés, mais aussi leur ténacité quotidienne à défier la brutalité de leur condition.

Les photographies ne sont pas nécessairement une représentation de ces enfants selon mon seul point de vue. Mon travail tente plutôt de donner une voix, une scène et donc de mettre en lumière leur vie fragile et fugitive. Ces photographies offrent à ces enfants un espace de repos, où ils peuvent composer, jouer avec leur image, et réfléchir à leur propre apparence. En travaillant, ces enfants contribuent au fonctionnement de nos sociétés. Je souhaite interroger notre rôle ici et comment pouvons-nous résoudre cette situation. En me concentrant sur l'individualité de ces enfants, je pense avoir établi des rencontres personnelles qui nous permettent de considérer leurs conditions, non pas comme leur propre choix mais bien comme la conséquence des changements sociaux en cours et les transformations de nos valeurs humaines par des formes de travail abstraites.

